

DA ORIGEM E PROGRESSO DAS ARTES E CIÊNCIAS

David HUME

Nada requer maior precisão, nas investigações dos assuntos humanos, do que distinguir exatamente o que é devido à sorte e aquilo que provém de causas; tampouco haverá assunto no qual um autor esteja mais exposto a enganar-se com falsas sutilezas e refinamentos. Dizer que um evento deriva da sorte corta caminho a qualquer investigação mais remota a seu respeito e deixa-o no mesmo estado de ignorância do resto da humanidade. Mas quando o evento, calcula-se, deriva de causas certas e estáveis, pode o escritor então exibir a sua inteira ingenuidade atribuindo-lhe essas causas; e, como um homem de alguma sutileza, que nunca está perdido no tema, aproveita então a oportunidade que lhe é ensejada para folhear os seus livros e mostrar toda a extensão do seu saber, observando aquilo que escapa ao homem vulgar e ignorante.

Separar aquilo que pertence ao acaso daquilo que é causalidade dependerá em cada caso particular da sagacidade de cada um. Mas se eu tivesse que expor uma norma geral para auxiliar-nos a aplicar a distinção entre acaso e causalidade, seria a seguinte: *Aquilo que dependa de poucas pessoas é, em grande medida, devido ao acaso, ao segredo ou a causas desconhecidas; aquilo que surja de um grande número pode, por via de regra, ser analisado através de causas determinadas e conhecidas.*

Podem-se dar duas razões naturais para tal regra. Primeira, se se supuser que uma balança tem uma inclinação, se bem que pequena, para um lado particular, tal inclinação, embora não transpareça nas primeiras oscilações e tentativas, acabará prevalecendo e fará pender a balança inteiramente para aquele lado. Do mesmo modo, quando algumas causas propiciam uma inclinação particular ou determinada paixão, em determinado tempo e entre certo povo, embora saibamos que um grande número de pessoas lhe pode escapar e ser dominado por paixões pessoais, contudo, é certo que a multidão será atingida pela afeição comum que a governará em todas as ações.

Segundo, estes princípios que são criados para atuarem sobre a multidão são sempre de natureza mais grosseira e obstinada, menos sujeitos a mudança e menos influenciáveis pela fantasia e extravagância pessoais que aqueles que pertencem somente a uns poucos. Estes são tão refinados e delicados, que o menor incidente na saúde, educação ou fortuna duma pessoa é suficiente para alterar-lhes o curso e adiar sua ação; tampouco é possível reduzi-los a umas poucas máximas e observações. Do fato de que tenham agido em certa época não se segue que voltem a fazê-lo; mesmo que todas as circunstâncias gerais sejam as mesmas, em ambos os casos.

Julgar a partir desta norma as revoluções internas e graduais dum Estado vem a ser um assunto muito mais digno de estudo que as revoluções violentas e estrangeiras, que normalmente são levadas a efeito por pessoas isoladas e que são mais influenciadas por teimosia, loucura ou capricho do que por interesses e paixões universais. A crise dos nobres (*lords*) e a ascensão dos burgueses (*commons*) na Inglaterra, após os estatutos da cessão de propriedade e do aumento do comércio e da indústria, são mais facilmente analisadas através de princípios gerais que a crise da monarquia espanhola ou o florescimento da monarquia francesa depois de Carlos v. Tivessem Henrique IV, o Cardeal Richelieu e Luís XIV sido espanhóis, e Filipe II, III, IV e Carlos II sido franceses, e a história das duas nações teria sido inteiramente diversa.

Pela mesma razão é mais fácil analisar o surgimento e progresso do comércio em qualquer reino que não o do saber; e o Estado que se tivesse devotado ao encorajamento do primeiro estaria mais seguro de obter êxito que aquele que cultivasse o segundo. A avareza ou o desejo do ganho é uma paixão universal que age em todos os tempos e lugares e sobre todas as pessoas: mas a curiosidade ou o amor do conhecimento tem influência limitada e requer juventude, ócio, educação, gênio e exemplo para apoderar-se duma pessoa. Não se quer ser produtor de livros embora existam compradores: mas frequentemente leitores existirão sem que existam autores. Grande número de gentes, pobreza e liberdade geraram o comércio da Holanda: estudo e aplicação raramente produziram escritores notáveis.

Podemos, portanto, concluir que não há assunto no qual se deva proceder com mais cautela que ao traçar a história das artes e das ciências; afim de não assinalar causas que nunca existiram e reduzir aquilo que é apenas contingente a princípios estáveis e universais. Os que cultivam as ciências em qualquer Estado são sempre poucos; a paixão, que os governa, limitada; o gosto e juízo, delicados e facilmente pervertidos; e sua aplicação é facilmente perturbada. A sorte, por causa disso, ou causas secretas e desconhecidas, devem ter uma grande influência na origem e progresso das artes refinadas.

Mas há um motivo que me induz a não atribuir completamente o assunto à sorte. Embora as pessoas, que cultivam as ciências com êxito tão admirável, de modo a atrair a admiração da posteridade, sejam sempre poucas em todas as nações e épocas, é impossível que uma parte do mesmo espírito e gênio não exista anteriormente difuso entre o povo, donde surgirão esses eminentes escritores de forma a produzir neles, desde a mais recuada infância, gosto e discernimento. A massa donde são extraídos espíritos tão refinados não pode ser inteiramente insípida. Existe *um* Deus dentro de nós, diz Ovídio, *que respira aquele divino fogo pelo qual somos alimentados*.¹ Em todas as épocas os poetas atribuíram este título à inspiração. Nada há, contudo, de sobrenatural no caso. O fogo dos poetas não é aceso no céu. Percorre a terra, passa dum coração a outro e arde mais brilhantemente onde os materiais estão melhor preparados, e com mais felicidade arranjados.

A questão, portanto, respeitante à origem e progresso das artes e ciências não versa sobre o gosto, gênio e espírito de uns poucos, mas envolve todo um povo; e pode, portanto, ser analisada em alguma medida por princípios e causas gerais. Garanto que alguém que fosse pôr-se a investigar por que um poeta como Homero, por exemplo, existiu em tal lugar e tempo lançar-se-ia de ponta-cabeça e fantasias e nunca poderia tratar de tal assunto sem uma infinidade de sutilezas e refinamentos. Pode também querer dar a razão por que generais como Fábio e Cípião viveram em Roma em certa época e por que Fábio veio ao mundo antes de Cípião. Para fatos assim só a justificativa de Horácio:

*Scit genius, natale comes, qui temperat astrum,
Naturae Deus humanae, mortalis in unum –
- Quodque caput, vultu mutabilis, albus et ater.*²

Mas estou convencido de que em muitos casos há boas razões para dar que explicam por que uma nação é mais delicada e instruída em certa época que outra nação vizinha. Aliás, trata-se dum assunto tão curioso, que seria uma pena ter de abandoná-lo por não sabermos se seria suscetível de raciocínio e reduzível a quaisquer princípios gerais.

O meu primeiro reparo neste importante ponto é que *é impossível surgirem as artes e ciências, nos começos, em qualquer povo, a não ser que se viva na bênção dum governo livre.*

¹ *Est Deus in nobis; agitante calescimus illo:*

Impetus hic, sacrae semina mentis habet.

Ovídio, Fasti, Liv. VI, 5. (N. do A.)

² A explicação, segundo Horácio, é do conhecimento do gênio tutelar de cada homem. (N. do E.)

Nas primeiras idades do mundo, quando os homens eram ainda bárbaros e primitivos, não tinham outra segurança contra a violência mútua e a injustiça que a escolha de alguns soberanos, poucos ou muitos, em quem depositavam confiança implícita sem se proporcionarem segurança através de leis ou instituições políticas contra a violência ou injustiça dos tais soberanos. Estando a autoridade centrada numa única pessoa, e tendo a nação, ao aumentar tanto por conquista quanto por reprodução normal, chegado a grande número, o monarca teve como impossível ser ele próprio o executor de todo o trabalho do governo e delegou a sua autoridade a magistrados inferiores, que preservam a paz e a ordem nos seus distritos. Como a experiência e a educação não refinaram os juízos humanos de maneira considerável, o príncipe, ele próprio absoluto, além de não cuidar de restringir a autoridade de cada um dos seus ministros delega-lha por inteiro, e eles exercem-na sobre qualquer pessoa. Todas as leis gerais têm inconvenientes quando aplicadas aos casos particulares; e são necessárias grande penetração e experiência para perceber que, por um lado, estes inconvenientes são em menor número que os resultantes dos poderes discricionários dos magistrados, e, por outro lado, quais são as leis que possuem menos inconvenientes.

Este é um assunto tão difícil, que os homens puderam realizar alguns progressos mesmo nas sublimes artes da poesia e da eloquência, nas quais a rapidez do gênio e da imaginação auxiliam seus avanços, antes de conseguirem chegar a qualquer aperfeiçoamento de maior monta nas leis municipais, terreno onde só jurisprudência freqüente e observação diligente podem servir de ensino. Não se vá, contudo, supor que um monarca bárbaro, irrefreado e inculto nunca consiga chegar a legislador ou pense em reprimir o seu bashaws em cada província, ou até o cádi em cada aldeia. Sabe-se que o falecido czar, embora agisse com nobre propósito e se encantasse com as ciências européias, professava também estima pela política turca; aprovava vivamente as decisões sumárias dos julgamentos praticados nessa monarquia bárbara, onde os juízes não se acham tolhidos por quaisquer métodos, fórmulas ou leis. Não percebia quão danoso se tornava tal costume a seus propósitos de educar o povo. O poder arbitrário é, em todos os casos, de algum modo aviltante e opressivo; mas é além disso ruinoso e intolerável quando de pequeno alcance; e torna-se ainda pior quando a pessoa que o detém sabe que o tempo de sua autoridade é limitado e incerto. *Habet subjectas tanquam suas: viles, ut alienas.*³ Governa seus súditos com plena autoridade como se fossem coisa sua; e com negligência ou tirania, se de outrem. Um povo governado de tal modo é um povo de escravos no pleno sentido da palavra; e é impossível que aspire a qualquer espécie de finura, gosto ou razão. Arriscam-se apenas a pretender gozar as primeiras necessidades da vida na abundância e segurança.

Esperar, então, que as artes e ciências rebentem numa monarquia é pôr-se à espera duma contradição. Antes de ocorrerem estes aperfeiçoamentos, o monarca é ignorante, sem qualquer instrução; e sem possuir conhecimento que o faça sensível à necessidade de reger o seu governo por leis gerais, delega todo o seu poder aos magistrados inferiores. Uma política bárbara como esta envilece o povo e impede para sempre quaisquer melhoras. Caso tenha sido possível que, antes de a ciência ter sido conhecida no mundo, um monarca possuísse sabedoria bastante para ser um legislador e governar seu povo pela lei, e não pela vontade arbitrária dos súditos seus amigos, então é razoável supor que essa espécie de governo tenha sido o viveiro primordial das artes e ciências. Mas tal hipótese dificilmente pode ser aceita como consistente ou racional.

Pode ocorrer que uma república em seus começos seja sustentada por tão poucas leis quanto uma monarquia bárbara e dê uma autoridade ilimitada a seus magistrados ou juízes. Mas, além do fato de que eleições freqüentes pelo povo servem de vigilância considerável à autoridade, é quase impossível que com o decorrer do tempo não surja a necessidade de diminuir o poder dos magistrados afim de preservar a liberdade e assim se dê origem a leis e estatutos gerais. Os cônsules romanos durante algum tempo decidiam tudo, sem estarem adstritos a nenhum estatuto positivo, até que o povo, suportando com impaciência tal jugo, criou os *decênviros*, que promulgaram as Doze Tábuas; um corpo de leis que, embora

³ Tácito, *História*, Liv. I, 37.

não fossem em volume iguais a uma lei do Parlamento na Inglaterra, foram, contudo, em grande parte as leis que regeram a propriedade e as penas por muitas gerações naquela famosa república. Eram suficientes por si sós, e com as formas de um governo livre, para proteger as vidas e haveres dos cidadãos, para livrar um homem do domínio de outro e para proteger a todos da violência de seus concidadãos. Em tal situação, as ciências podem despontar e florescer: mas nunca naquela cena de opressão e escravidão que são as monarquias bárbaras, onde o povo é oprimido pelos magistrados e estes não são tolhidos por qualquer lei ou estatuto. Desde que se manifeste um despotismo desta natureza, põe-se efetivamente paradeiro a qualquer progresso e impede-se aos homens de chegarem ao saber, que é um requisito para instruí-los das vantagens advenientes de uma política melhor e de uma autoridade mais moderada.

Eis então as vantagens dos Estados livres. Embora uma república seja bárbara, inevitavelmente chega à lei, mesmo antes que a humanidade alcance progressos em outros saberes. Da lei vem a segurança, da segurança, curiosidade, e da curiosidade, conhecimento. Os últimos degraus deste progresso podem ser acidentais; mas os primeiros são, contudo, necessários. Uma república desprovida de leis não pode durar. Pelo contrário, num governo monárquico a lei não surge necessariamente das formas do governo. A monarquia, quando absoluta, contém alguma coisa que é até repugnante à lei. Somente uma grande sabedoria e reflexão as pode reconciliar. Mas tal grau de sabedoria é difícil achar, anteriormente aos progressos e descobertas levados a cabo pela razão humana. Tais progressos requerem curiosidade, segurança e lei. O *arranque*, portanto, das artes e ciências nunca será achado nos governos despóticos.

Há outras causas que desencorajam o surgimento das ciências nos governos do despotismo -eu tomo a falta de leis e a delegação de plenos poderes a todo e qualquer insignificante magistrado como sendo as principais. A eloquência brota mais naturalmente nos governos populares; também a emulação em todas as tarefas ali deve ser mais animada e vivida: o gênio e a capacidade têm campo mais aberto e maior possibilidade de carreira. Tais causas tornam os governos livres a única creche adequada para as artes e ciências.

A observação que farei a seguir acerca do assunto em pauta é que *nada é mais favorável ao surgimento da educação e instrução que uma vizinhança de Estados independentes ligados pelo comércio e pela política*. A emulação que naturalmente surge entre estes Estados vizinhos é uma fonte óbvia de progresso; mas aquilo em que insistirei especialmente é que tais territórios limitados constituem um travão ao poder e à *autoridade*.

Extensos governos, onde uma única pessoa tem grande influência, depressa se tornam absolutos; mas os pequenos tornam-se naturalmente *comunidades*. Um grande governo está ligado em grau variável à tirania; cada ato de violência é realizado em certo ponto, e, estando afastado do resto, não é noticiado nem desperta contra si violência. Além disso, embora a totalidade dos súditos possa estar descontente, é possível a um governo absoluto manter a obediência através de uma pequena habilidade que é o fato de que cada parcela dos súditos, ignorante daquilo que as outras parcelas pensam, sempre terá receio de iniciar sozinho qualquer revolução ou insurreição. Isto para não falar já da reverência supersticiosa pelos príncipes que a humanidade sempre apresenta quando o soberano não é acessível e que os súditos, não o vendo com freqüência, não podem constatar com seus próprios olhos as reais fraquezas do soberano. Os grandes Estados fazem grandes despesas na pompa inerente à majestade; trata-se duma maneira de fascinar os homens e que contribui também para escravizá-los.

Num pequeno governo, qualquer ato de opressão é imediatamente conhecido de todos: os murmúrios e descontentamentos provocados são facilmente comunicados e a imaginação atinge o máximo porque os súditos não estão em condições de perceber em tais regimes que há uma larga distância entre eles e o soberano. "Ninguém", disse o Príncipe Conde, "é herói para o seu criado de quarto." De fato, admiração e intimidade são completamente incompatíveis para qualquer criatura mortal. Dormir e amar chegaram para convencer Alexandre de que ele não era Deus. Mas acredito que aqueles que o rodeavam no

dia-a-dia podiam facilmente, a partir das inúmeras fraquezas a que estava sujeito, dar-lhe conta de sua natureza mortal.

Assim as divisões em pequenos Estados são favoráveis à instrução ao deterem o progresso da *autoridade* bem como do *poder*. Por i vezes, a reputação exerce nos homens um fascínio tão forte quanto a soberania e é igualmente destruidora da liberdade de pensamento e da crítica. Mas, desde que haja Estados vizinhos que mantenham grandes relações de artes e comércio, o ciúme mútuo impede-os de aceitarmuito apressadamente o modelo do outro nas artes e no saber, o que faz com que se examine cada obra cuidadosamente. O contágio da opinião popular não se espalha tão facilmente de um lado para outro. Receberá rapidamente uma crítica em algum Estado onde não se ache estar de acordo com os preconceitos reinantes. E só a natureza e a razão, ou, pelo menos, aquilo que carregue em si grande semelhança, têm força para romper seu próprio caminho através de todos os obstáculos, e são capazes de unir as nações mais rivais na estima e admiração.

A Grécia era um enxame de pequenos principados que depressa se tornaram repúblicas, e, estando unidos pela vizinhança e pelos laços da mesma língua e interesse comum, travaram as mais íntimas relações comerciais e culturais. Para tal concorreu um clima feliz, solo fértil, uma língua harmoniosa e compreensiva; de tal modo, que todas as circunstâncias nesse povo grego parecem favorecer o surgimento das artes e ciências. Cada cidade teve seus artistas e filósofos que recusaram os das cidades vizinhas: as suas disputas e debates aguçaram os engenhos; uma grande variedade de temas se apresentava para ajuizamento, e cada um pretendia a preferência dos demais – e as ciências não enfezadas pela autoridade foram capazes de cometimentos que ainda hoje provocam admiração. Depois que a Igreja *católica* romana ou *crístã* se espalhou por todo o mundo civilizado e aumentou a cultura dos tempos; e, desde que se constituiu num grande Estado unido sob uma única cabeça, imediatamente todas estas seitas desapareceram e a filosofia peripatética foi a única admitida em todas as escolas para uma total depravação de qualquer espécie de educação. Mas a humanidade tendo com o decorrer do tempo repellido esta situação afrontosa, as coisas voltaram à situação anterior, e a Europa constitui no presente uma cópia aumentada do modelo que a Grécia foi no passado em miniatura. Vimos a vantagem desta situação em muitas ocasiões. Que é que fez com que a filosofia cartesiana, à qual a nação francesa aderiu em tão larga escala no fim do século passado, fosse posta em questão senão a oposição levantada por outras nações da Europa que cedo descobriram os pontos fracos dessa filosofia? O exame mais severo que a teoria de Newton sofreu vem não de seus compatriotas, mas de estrangeiros; e, se acaso for capaz de triunfar dos obstáculos com que atualmente se defronta, passará vitoriosa para a posteridade. Os ingleses tomaram consciência da escandalosa licenciosidade do seu palco olhando o exemplo da moral e decência francesa. Os franceses estão convencidos de que seu teatro se tomou de algum modo afeminado por causa de muito amor e galantaria; e introduziram um gosto mais masculinizado a partir do exemplo de países vizinhos.

Na China parece existir um grande depósito de polidez e ciência, do qual se podem esperar com razão coisas mais perfeitas e acabadas do que aquilo que até agora nos tem sido dado a conhecer. Mas o fato é que a China é um vasto império, falando uma língua só, tendo uma só lei, e com os mesmos costumes. A autoridade de um mestre como Confúcio foi facilmente propagada de um canto a outro do império. Ninguém resistiu à corrente da opinião popular. E a posteridade não foi suficientemente corajosa para contestar o que os antepassados haviam aceitado. Tal parece ser uma das razões por que as ciências progrediram tão pouco nesse poderoso império.⁴

⁴ Se se perguntar como conseguimos conciliar os princípios precedentes com a felicidade, as riquezas e a boa política dos chineses, que desde sempre foram governados por um só monarca e dificilmente terão idéia do que é governo livre, responderei que, embora o governo chinês seja uma monarquia pura, não é, propriamente falando, absoluta. Tal fato deriva duma peculiaridade da situação do país: não possui vizinhos, anão ser os tártaros, dos quais parece estar defendido pela famosa Muralha e por um maior contingente habitacional. Por causa disso, a disciplina militar foi sempre muito negligenciadas, e as forças mais importantes entre os chineses são apenas milícias da pior espécie e não adequadas para suprimir qualquer revolta em país tão populoso. (N. do A.)

Se olharmos para a face do globo das quatro partes do mundo, a Europa é a mais dividida por mares, rios e montanhas; e entre os países da Europa é a Grécia o mais dividido. Assim se explica que tais regiões se tenham naturalmente separado em diversos governos distintos. E que as ciências tenham surgido na Grécia e que a Europa tenha sido desde então sua pátria mais constante.

Inclino-me por vezes a pensar que interrupções efetuadas em certos períodos culturais, desde que não efetuadas através da destruição de textos antigos e relatos históricos, seriam favoráveis às artes e ciências ao quebrarem o progresso da autoridade e ao destronarem os usurpadores tirânicos da razão humana. Neste sentido têm a mesma influência que as interrupções nos governos políticos das sociedades. Repare-se na cega submissão dos filósofos antigos aos mestres tradicionais e ficar-se-á convencido da pouca utilidade dessa secular e servil filosofia. Até mesmo os ecléticos que surgem na era de Augusto, não obstante professarem a escolha daquilo que lhes agradava em cada corrente, eram, assim mesmo, no geral, tão escravos e dependentes quanto seus iguais, uma vez que buscavam a verdade não na natureza, mas nas diversas escolas filosóficas, não importando o acharem que a verdade estava dispersa e não unificada num corpo único. Na renascença cultural, os estóicos e epicuristas, platônicos e pitagóricos, nunca puderam ganhar para si qualquer crédito ou autoridade, e com sua derrocada puderam ao menos concorrer para evitar nos homens essa cega submissão às novas seitas triunfantes então.

A terceira observação que farei acerca do surgimento e progresso das artes e ciências é que, *embora o viveiro próprio de tais plantas nobres seja um Estado livre, podem contudo ser transplantadas para qualquer governo; e que uma república é mais favorável ao crescimento das ciências, e uma monarquia civilizada, ao das artes.*

Firmar um grande Estado, seja ele monárquico ou republicano, em leis gerais, é obra de tanta dificuldade, que nenhum engenho humano, mesmo compreensivo, é capaz, somente através da força da razão e reflexão, de levá-la a cabo. Os avisos de muitos devem concorrer para tal tarefa: a experiência deve conduzir seu trabalho; o tempo deve acrescentar-lhe a perfeição e o sentimento das inconveniências deve corrigir os erros que inevitavelmente ocorrem nas primeiras tentativas e experiências. Assim surge a impossibilidade de que tal empreendimento deva começar e continuar sob uma monarquia; pois a monarquia é aquela forma de governo que não tem outro segredo ou política que a de delegar poderes ilimitados a cada governante ou magistrado e de subdividir as pessoas em múltiplas classes e ordens de escravidão. Em tal situação, nada de novo se pode esperar nas ciências, nas artes liberais, leis e muito pouco também nas artes manuais e manufaturas. A mesma barbárie e ignorância com que o governo principia projeta-se na posteridade e não se lhe pode pôr um termo através dos esforços ou ingenuidade de tais infelizes servos.

Mas, embora a lei, fonte da segurança e felicidade, desponte tarde em todos os regimes e seja o produto lento da ordem e da liberdade, não é preservada com a mesma dificuldade com que surge; quando deita raiz é planta rija que dificilmente perecerá na cultura doente dos homens ou no rigor das estações. As artes do luxo, e ainda mais as belas-artes, perdem-se facilmente; dependem de um gosto e sentimento refinados; são apreciadas por uma minoria cujo ócio, fortuna e gênio a habilitam para tais requintes. Mas aquilo que é útil ao comum dos mortais, uma vez descoberto, dificilmente passa ao esquecimento, a não ser pela total subversão social, invasões bárbaras, capazes de obliterar quaisquer vestígios das primeiras artes e civilização. A imitação também é capaz de transportar as artes mais úteis e grosseiras de um clima para outro e fazer com que seus progressos precedam os das artes superiores, embora seu início e a propagação tenham sido posteriores. Destas causas vieram as monarquias civilizadas; nelas, as artes da governança, que foram primeiro inventadas nos Estados livres, são preservadas para vantagem mutua e segurança do soberano e súdito.

Mesmo perfeita, a forma monárquica pode parecer a alguns políticos como devendo todas as suas qualidades à república; nem tampouco será possível que um total despotismo, próprio de um povo bárbaro, possa por si próprio aperfeiçoar e elevar-se. Deve extrair suas leis e métodos, instituições, e por conseguinte sua estabilidade e ordem, dos governos livres. Tais vantagens constituem coisas que só a república pode produzir. O enorme despotismo de uma monarquia bárbara, ao penetrar em todos os recantos do governo e da administração, impede para sempre que tais progressos se manifestem.

Numa monarquia civilizada só o príncipe é ilimitado em autoridade, só ele em pessoa possui o poder, que não é limitado por nada ia não ser o costume, o exemplo e a consciência do seu próprio interesse. Todos os ministros e magistrados, mesmo importantes, devem submeter-se à lei, que governa a sociedade como um todo, e devem exercer a autoridade a si delegada segundo esteja prescrito pelos regulamentos. As pessoas dependem apenas do seu soberano para a defesa de sua propriedade. Este acha-se tão longínquo e tão isento de ciúmes privados ou interesses pessoais, que tal dependência mal é percebida. E assim surge uma espécie de governo à qual podemos dar o nome de *tiranía*, se usarmos uma linguagem bombástica, mas que, de fato, através de uma justa e prudente administração, poderá proporcionar uma segurança tolerável aos cidadãos e preencher adequadamente a maior parte das finalidades da sociedade política.

Embora tanto na monarquia culta quanto na república as gentes gozem em segurança seus haveres, aqueles que em ambas as formas de governo ocupam os cargos supremos têm grandes honras e vantagens, que despertam a ambição e a avareza da humanidade. A única diferença reside no fato de que numa república os candidatos aos postos precisam olhar para os de baixo para obterem votos; numa monarquia levantam os olhos para obterem os favores e boas graças dos grandes. Para se ser bem-sucedido no primeiro modo é necessário a uma pessoa ser *útil* de alguma forma, pela indústria, capacidade ou conhecimento; para prosperar, no segundo modo, requer-se que a pessoa se torne *agradável* por seu espírito, afabilidade ou educação. Um grande gênio realiza-se melhor nas repúblicas; um gosto refinado, nas monarquias. E conseqüentemente as ciências dão-se melhor na forma republicana e as belas-artes na forma monárquica.

Isto para não mencionar que as monarquias, recebendo a sua principal fonte de estabilidade da reverente superstição endereçada aos padres e príncipes, diminuíram a liberdade de pensamento no que toca à religião e à política e conseqüentemente à metafísica e à moral. Juntas formam, é claro, os ramos mais importantes da ciência. A matemática e a filosofia natural, que são as que restam, ficam assim prejudicadas pela metade.

Entre as artes da sociedade, nenhuma agrada tanto quanto a gentileza mútua ou civilidade, que nos leva a sujeitar nossos gostos aos do outro e a curvar e esmagar essa presunção e arrogância tão próprias do espírito humano. Um indivíduo de boa índole, bem-educado, pratica tal gentileza com qualquer um, sem premeditação nem interesse. Mas para tornar absolutamente coletiva tal qualidade é necessário assisti-la com alguma motivação que seja geral. Se o poder, como sucede nas repúblicas, sai do povo para os poderosos, tais refinamentos de delicadeza não são muitos usados, uma vez que todo o Estado se acha ao mesmo nível e cada um se acha independente do parceiro. O povo tem autoridade pelos seus votos; os poderosos, pela superioridade de seu cargo. Agora, numa monarquia culta é diferente; há um longo uso de dependência do príncipe e do camponês que, embora não seja forte a ponto de tornar precária a propriedade, é, contudo, suficiente para provocar em todos uma indignação a agradar seus superiores e a tomá-los como modelos. A delicadeza dos modos, então, surgirá mais naturalmente nas monarquias e nas cortes e, onde ela esteja, estejamos certos que nenhuma arte liberal será negligenciada ou desdenhada.

As repúblicas na Europa são apontadas atualmente como tendo falta de maneiras. As boas-maneiras de um suíço civilizado na Holanda⁵ é expressão que designa rusticidade entre os franceses. De algum modo os ingleses são alvo da mesma crítica, não obstante sua instrução e gênio. E se os venezianos são exceção à regra, devem-no talvez ao estar em contato com outros italianos cujos governos promovem um tipo de dependência social mais que suficiente para civilizar suas maneiras.

É difícil fazer qualquer espécie de juízo a respeito dos refinamentos das antigas repúblicas neste particular. Mas acho-me disposto a suspeitar de que as artes da convivência não estiveram tão perto da perfeição quanto o escrever e a composição. A baixeza dos oradores antigos em diversas ocasiões é bastante chocante e difícil de acreditar. A vaidade é também agressiva nos autores desta época⁶ tanto como a licenciosidade e imodéstia de estilo: *Quicumque impudicus, adulter, ganeo, manu, ventre, pene, bona patria laceraverat*, diz Salústio numa de suas passagens mais graves e moralistas. *Nam fuit ante Helenam Cunnus teterrima belli Causa* é uma expressão de Horácio ao traçar a origem do bem e do mal. Ovídio e Lucrécio⁷ são quase tão licenciosos em seu estilo quanto Lorde Rochester; isto, embora eles sejam verdadeiros cavalheiros e excelentes escritores, e Rochester, ao viver nas corrupções da corte a que pertencia, tenha abandonado toda vergonha e decência. Juvenal recomenda modéstia com grande zelo; mas oferece muito mau exemplo, se levamos em linha de conta a impudência de suas expressões.

Também estou inclinado a afirmar que entre os antigos não havia muita delicadeza de educação, ou seja, aquela deferência e respeito que somos obrigados a manifestar às pessoas com quem conversamos. Cícero era o cavalheiro por excelência de sua época; mas fico às vezes boquiaberto pela maneira chocante por que apresenta Ático, um amigo, em seus diálogos. Este romano instruído e virtuoso, cuja dignidade não era inferior à de ninguém em Roma, embora fosse um simples cidadão, é mostrado nos diálogos de Cícero sob uma luz mais dide piedade que o amigo de Filaleto nos nossos diálogos modernos. É um humilde admirador do orador, elogia-o muito e recebe ainda por cima suas explicações, como um aluno receberia aulas do mestre-escola. Mesmo Catão é tratado assim de cima nos diálogos De Finibus.

Um dos detalhes mais curiosos de um diálogo da Antiguidade é relatado por Políbio; é quando Filipe, rei da Macedônia, príncipe de espírito e talento, encontra Tito Flamínio, um dos romanos mais delicados, como sabemos por Plutarco, acompanhado por embaixadores de quase todas as cidades gregas. O embaixador da Etólia diz de repente ao rei que Flamínio fala como uma mulher ou um louco; *isso é evidente, mesmo para um cego*, responde o rei. Tudo isto não passou os limites, a conferência decorreu normalmente. Flamínio divertiu-se muito com o humor dos gregos. No fim, Filipe desejou um pouco de tempo para conferenciar com seus amigos, que não estavam presentes à reunião; então o general romano, desejoso de dar também uma amostra do seu humor, como diz Plutarco, disse-lhe que *talvez a razão por que não tinha nenhum de seus amigos com ele era porque os tinha assassinado todos*; e assim era de fato. Esta série de rudezas não provocadas não é condenada pelo historiador, nem causou qualquer ressentimento em Filipe, a não ser um sorriso sardônico, melhor dizendo, um arreganhar de dentes; e não o impediu de prosseguir a conferência no dia seguinte. Plutarco menciona esta ironia entre os ditos de espírito de Flamínio. O Cardeal Wolsey pedia desculpa pela sua insolência em dizer *Ego et rex meus*, eu e meu rei,

⁵ *C'est la politesse d'un Suisse*
En Hollande civilisé (Rousseau). (N. do A.)

⁶ Não é necessário chamar Cícero ou Plínio em nosso socorro; eles são já muito conhecidos; mas ficamos surpresos quando vemos Arriano, um escritor judicioso e grave, interromper o curso da narração, de repente, para dizer ao leitor que é eminente entre os gregos, tão grande na oratória quanto Alexandre na guerra (Liv. 1, 12). (N. do A.)

⁷ Este poeta (Veja-se Uv. IV, 1-175) recomenda uma cura extraordinária para o amor, e algo que não se espera encontrar em tão elegante e filosófico poema. Parece ter sido o original de algumas imagens do Dr. Swift, belas e limpas. O elegante Catulo e Fedro caem na mesma censura. (N. do A.)

porque, segundo ele, tal expressão estava de acordo com o espírito do latim e que um romano sempre se nomeava antes da pessoa *de quem* ou *a quem* falava. Mas isto parece ser um desejo de educação entre tal povo. Os antigos estabeleceram a regra de que a pessoa de maior peso deve ser mencionada em primeiro lugar; e assim é, pois sabemos que houve uma disputa motivada pelo fato de um poeta, ao celebrar uma vitória dos romanos aliados aos etólios sobre os macedônicos, ter mencionado os gregos em primeiro lugar. Lívia desgostou Tibério quando colocou seu nome antes do dele numa inscrição.

Nenhuma vantagem neste mundo existe pura. Da mesma forma que modernamente a polidez degenera frequentemente em afetação e peraltice, hipocrisia e insinceridade, assim a simplicidade dos antigos se volve em rusticidade e abuso, aviltamento e obscenidade.

Se a superior educação pertence aos tempos modernos, as noções de *galantaria*, produto natural de cortes e monarquias, devem ser apontadas como causa deste refinamento. Ninguém se opõe a considerar esta invenção como moderna. Mas alguns dos mais zelosos partidários dos antigos afirmam-na como afetada e ridícula, e mais digna de censura que elogio por pertencer aos modernos. É razoável examinar aqui tal questão.⁸

Anatureza implantou em todas as criaturas vivas a afeição entre os sexos, a qual mesmo entre os animais mais ferozes e rapaces não fica limitada à satisfação do apetite corporal, mas gera amizade e simpatia mútua que acompanham todo o curso de suas vidas. Mesmo naquelas espécies em que a natureza limita tal apetite a uma estação e a um único objeto, e forma uma espécie de casamento entre um único macho e fêmea, mesmo aí é visível a complacência e benevolência que suaviza e estende mais longe as afecções dos dois sexos. Não será tal afecção no homem muito maior, uma vez que a limitação do apetite não é natural mas derivada acidentalmente de algum encanto específico do amor, ou surge da reflexão na dúvida e na conveniência? Nada, portanto, procede menos da afetação que a paixão da galantaria. Ela é *natural* no mais alto grau. A arte e a educação nas cortes mais elegantes não a alteram mais do que a outras paixões igualmente louváveis. Apenas dirigem o espírito com mais vigor em sua direção; refinam-no; dão-lhe polimento; e conferem-lhe graça e expressão.

Mas, além de natural, a *galantaria* é *generosa*. Para corrigir vícios que nos levam a ferir os outros existe a moral, que é objeto da educação comum. Onde *tal objetivo* não possa ser atingido, não subsiste sociedade humana. Para tornar a conversação e as relações espirituais mais fáceis e agradáveis é que as boas maneiras foram inventadas e levaram adiante esse objetivo. Onde quer que a natureza tenha dado ao espírito a propensão para algum vício, ou paixão desagradável aos outros, o comportamento refinado ensinou os homens a lutarem contra o lado oposto, e preservarem em toda a conduta a aparência de sentimentos diferentes daqueles para os quais estão naturalmente inclinados. Assim, quando egoístas e orgulhosos, querendo passar por cima dos outros, um homem educado ensinar-nos-á a comportar-nos com deferência para com os outros e a dissimular a superioridade em todos os casos. Igualmente, quando a situação de uma pessoa dá azo a suspeita, é mister, segundo as boas maneiras, evitá-la, exibindo sentimentos contrários às suspeitas e desconfiança que se possam originar. Os velhos sabem de suas doenças, e lamentam-se da juventude; os jovens bem-educados devem por isso redobrar de deferência para com os mais velhos. Os estranhos e estrangeiros não têm proteção: é por isso que recebem as maiores cortesias e têm o lugar principal em qualquer reunião. Um homem é soberano em sua própria família e, de certa forma, os convidados estão sujeitos à sua autoridade; assim é a pessoa ínfima na reunião, atenta aos desejos de todos; e atribuindo-se todo o trabalho, de forma a ser gentil com todos, mas mesmo assim não de maneira demasiado ostensiva para não constranger os convidados. A galantaria não é senão um exemplo da mesma atenção generosa. Como a natureza concedeu ao *homem* superioridade sobre a *mulher*, dando-lhe maior fortaleza de corpo e espírito, é para aliviar tanto quanto possível tal superioridade, através da generosidade da conduta e por uma deferência estudada, que o homem usa complacência para todas as

⁸ Lorde Shaftesbury – veja-se seu *Moralists*. (N. do A.)

opiniões e inclinações da mulher. As nações bárbaras ampliam a superioridade reduzindo suas mulheres à mais abjeta escravidão, mantendo-as presas, batendo-lhes, vendendo-as ou matando-as. Mas numa sociedade civilizada o sexo masculino descobre sua autoridade numa conduta que, não sendo menos evidente, é mais generosa; pela civilidade, respeito, complacência, numa palavra, pela galantaria. Numa boa sociedade não se pergunta quem é o dono da festa? O homem que se senta no pior lugar, que serve a todos afadigadamente, é ele certamente. Podemos, ou condenar todos estes exemplos de generosidade como afetados e hipócritas, ou admitir os restantes como galantaria. Os antigos moscovitas desposavam suas mulheres com um chicote em vez de um anel. O povo em questão, em sua casa, tomava sempre primazia sobre os estrangeiros, mesmo embaixadores. Estes dois exemplos de sua generosidade e delicadeza são do mesmo estofó.

A galantaria não é menos compatível com a sabedoria e prudência, que com a *natureza* e a *generosidade*; e, uma vez posta sob leis adequadas, contribui mais do que qualquer outra invenção para o *divertimento* e *melhoria* da juventude de ambos os sexos. Entre todas as espécies animais, a natureza encontrou no amor entre os sexos a sua mais doce e melhor alegria. Mas a satisfação do apetite corpóreo não é suficiente por si própria para gratificar a mente; e até entre os animais verificamos que brincam e folgam, o que, com outras expressões de felicidade, constitui a maior parte de sua diversão. Nos seres racionais devemos levar em conta o espírito. Se roubarmos à festa toda a guarnição da razão, discurso, simpatia, amizade e alegria, o que fica dificilmente será digno de ser aceito, segundo a norma daquilo que é verdadeiramente elegante e luxuoso.

Que melhor escola de maneiras do que a companhia de mulheres virtuosas? -onde o propósito mútuo de agradar serve para polir o espírito insensivelmente, onde o exemplo da suavidade e modéstia femininas se comunica a seus admiradores e onde a delicadeza própria a seu sexo põe cada um de sobreaviso, para não ofender ou molestar a decência. Nos antigos, o sexo fraco era considerado doméstico; não fazia nem parte da boa sociedade. Tal é talvez o motivo por que os antigos não nos deixaram uma única peça de espírito que seja excelente (exceção talvez para o Banquete de Xenofonte e para os *Dialogos* de Luciano), embora muitas de suas composições sérias sejam inimitáveis. Horácio condena as grosseiras zombarias e os gracejos frios de Plauto: mas, embora seja o mais fácil, agradável e judicioso escritor do mundo, é o seu talento para o ridículo notável ou refinado? Trata-se, sim, de um aperfeiçoamento que as artes superiores receberam da galantaria e das cortes, onde surgiu pela primeira vez.

Mas, para abandonar esta digressão, enunciarei uma quarta observação sobre o tema: *Quando as artes e ciências chegam à Perfeição em qualquer Estado, a partir desse momento naturalmente ou, antes, necessariamente entram em declínio e raramente ou nunca voltam a ser o que eram nessa nação, não revivem onde floresceram.*

A primeira vista, pode confessar-se que esta máxima, embora conforme à experiência, pode ser estimada como contrária à razão. Se o gênio natural da humanidade fosse o mesmo em todas as época e em quase todos os países (o que parece ser verdade), ajudaria muito ao progresso e educação desse gênio o estar na posse de padrões para cada arte, que regulassem o gosto e fixassem os objetos da imitação. Os modelos que nos foram deixados pelos antigos deram origem a todas as artes há cerca de duzentos anos e contribuíram possivelmente para seu progresso em cada país europeu. Por que não aconteciam assim durante o reinado de Trajano e seus sucessores, quando estes padrões estavam quase intactos e eram ainda admirados e estudados pelo mundo todo? Ainda no tempo do Imperador Justiniano os gregos referiam-se a Homero dizendo simplesmente *o Poeta*, os romanos mencionavam assim Virgílio. Ainda existe grande admiração por tais gênios divinos, embora durante séculos não tenha aparecido um poeta que tenha pretendido imitá-los.

Um homem de talento, em seus começos, desconhece-se e é desconhecido pelos outros; é só depois de muitas tentativas, alguma coroada de êxito, que ele começa a suspeitar-se igual às sumidades admiradas pela humanidade. Se a sua nação possuir já muitos modelos de eloquência comparará seus juvenis ensaios com eles; se a disparidade for muito grande, não tentará mais, e, desencorajado, não

mais procurará rivalizar com aqueles modelos que tanto admira. A emulação nobre é a origem de toda a excelência. Admiração e modéstia extinguem-na. E ninguém é tão dado a um excesso de admiração e modéstia como o gênio. A seguir à emulação, o maior encorajamento vem do elogio e da glória. Um escritor anima-se com nova força quando escuta os aplausos do mundo por suas primeiras obras; e, estimulado, atinge um clímax de perfeição que o espanta a ele e aos leitores. Mas, quando os postos de honra estão todos ocupados, todos os ensaios são recebidos friamente pelo público, ao serem comparados com produções que são em si mesmas mais excelentes e já têm a vantagem de uma reputação estabelecida. Se Molière e Corneille trouxessem agora para o palco as suas primeiras peças, que foram tão bem recebidas, desencorajaria os jovens poetas ver o desdém e a indiferença do público. Só a ignorância da idade pode admitir o *Prince of Tyre*; mas é a isso que devemos *The Moor*: se *Every Man in His Humour* tivesse sido rejeitado, nunca teríamos tido *Volpone*.

Talvez não seja vantagem para nenhuma nação importar artes de seus vizinhos que tenham atingido grande perfeição. Isso extingue a emulação e estanca o ardor da juventude. Muitos modelos que foram trazidos da Itália à Inglaterra fizeram com que a pintura estagnasse em lugar de propiciar inspiração aos nossos artistas. O mesmo aconteceu com Roma em relação à Grécia. A multidão de produções delicadas em língua francesa dispersas por toda a Alemanha e pelo norte impediu que tais nações cultivassem seu próprio idioma e mantêm-nas dependentes dos vizinhos com relação a tais artes.

É verdade que os antigos nos deixaram modelos de todas as formas literárias absolutamente dignos de admiração. Mas, além do fato que foram escritos em línguas só acessíveis aos instruídos, além disso, dizia eu, não há comparação entre o espírito daquela época e o atual. Tivesse Waller nascido em Roma durante o reinado de Tibério e as suas primícias literárias teriam sido desprezadas, se postas em paralelo com as acabadíssimas odes de Horácio. Mas nesta ilha a fama do poeta romano em nada diminui o valor do poeta inglês. Demo-nos por amplamente satisfeitos se o nosso clima e língua puderem produzir uma tênue cópia de tão excelente original.

Em suma, as artes e as ciências, como certas plantas, requerem terra fresca: e por rica que uma terra seja, e mesmo que cuidada com esmero, uma vez exaurida, nunca mais produzirá nada de tal espécie que seja perfeito e acabado.